

A Poesia ao Alcance de Todos*

Gabriel Garcia Marquez

Um professor de literatura informou no ano passado à segunda filha de um amigo meu que seu exame final seria sobre *Cem anos de solidão*. A moça amedrontou-se com justa razão, não apenas porque não havia lido este livro, mas também porque tinha de submeter-se a exame de outras matérias mais sérias. Por acaso, seu pai tem uma formação literária muito sólida e um instinto poético como ninguém, de sorte que a submeteu a uma preparação tão intensa, que seguramente ela se apresentou para o exame melhor preparada que um professor. Entretanto, está-lhe propôs uma questão imprevisita: que significa a letra às avessas no título *Cem anos de solidão*? Referia-se à edição de Buenos Aires, cuja capa foi preparada pelo pintor Vicente Rojo com uma letra às avessas, porque assim lhe soprou sua inspiração absoluta e soberana. A moça, evidentemente, não soube o que lhe responder. Vicente Rojo disse-me quando eu lhe narrava que ele tampouco teria sabido.

Neste mesmo ano, meu filho Gonzalo teve de responder a um questionário de literatura elaborado em Londres, para um exame de ingresso. Uma das questões referia-se ao simbolismo do galo em *Nada de carta para o coronel*. Gonzalo que conhecia muito bem o estilo de sua casa, não pôde resistir à tentação de zombar deste sábio longínquo, por isso respondeu: "É o galo dos ovos de ouro". Mais tarde soubemos que o aluno que obtivera a melhor nota, havia respondido como lhe tinha ensinado seu professor, que o galo do coronel era o símbolo da força popular reprimida. Ensinando isto, regozijo-me ainda mais uma vez com minha estrela política, porque o fim que eu havia imaginado para este livro, e que modifiquei no último momento, consistia em o coronel torcer o pescoço de seu galo e fazer disto uma boa sopa contestadora.

Há anos coleciono estas pérolas com as quais os maus professores de literatura pervertem as crianças. Conheço um deles de muito boa fé para

* Tradução de: Newton de Mendonça Barbosa, aluno de Pós-Graduação em Literatura Brasileira.

quem a desumana avó, violenta e voraz, que explorava a cândida Eréndira para recuperar uma dívida, é o símbolo do capitalismo insaciável. Um professor católico ensina que a subida ao céu da Bela Remédios era uma transposição poética da ascensão do corpo e alma da Virgem Maria. Um outro fez um curso completo sobre Herbert, um personagem de uma de minhas novelas, que resolve os problemas de todo o mundo e distribui dinheiro a mãos cheias. É uma bela metáfora de Deus”, diz o professor. Dois críticos de Barcelona surpreenderam-me ao descobrir que *O outono do patriarca* tinha a mesma estrutura que o terceiro concerto para piano de Bela Bartok. Isso me causou uma grande alegria por causa da admiração que tenho para com Bela Bartok, e em particular a este concerto, mas não pude compreender ainda as analogias destes dois críticos. Um professor de literatura da Faculdade de Letras de Havana consagrava muitas horas para a análise de *Cem anos de solidão*, e chegou à conclusão — lisonjeira e deprimente ao mesmo tempo — pois este livro não oferecia nenhuma solução. O que acaba de me convencer de que a mania de interpretação se torna com o tempo uma nova forma de ficção que algumas vezes fracassa na insensatez.

Devo ser um leitor bem ingênuo para não ter jamais pensado que os romancistas querem dizer mais que o que dizem. Quando Franz Kafka diz que Grégoire Samsa acordou numa manhã transformado num gigantesco inseto, não me parece que isso seja o símbolo de alguma coisa, o que me tem somente intrigado sempre é que espécie de animal pôde ser. Creio que houve na realidade um tempo onde os tapetes voavam e onde gênios se encontravam prisioneiros no interior de garrafas. Acredito que a asna de Balaam falou — como diz Bíblia — e tudo o que lamento é que não se tenha gravado sua voz, e creio que Josué derrubou as muralhas de Jericó com o poder de seus clarins, e tudo o que lamento é que não se tenha transcrevido sua música de demolição. Creio, enfim, que o licenciado Vidriera — de Cervantes — era realmente de vidro, como ele o julgava na sua loucura e eu acredito verdadeiramente na alegre verdade de Gargantua urinando em abundância sobre as catedrais de Paris. Ainda mais: creio que outros prodígios similares continuam a se produzir e que se nós não os vemos é em grande parte porque somos impedidos pelo racionalismo obscurantista que nos inculcaram os maus professores de literatura.

Tenho um grande respeito, e sobretudo uma grande ternura, pela profissão de professor, também sofro em ver que são igualmente vítimas

de um sistema de ensino que os conduz a dizer asneiras. Um dos seres para mim inesquecível é a mestra que me ensinou a ler na idade de cinco anos. Era uma moça bela e sábia que não pretendia saber mais que aquilo que podia, e era além disso tão jovem que com o tempo ela acabou por ser menor que eu. É ela que nos lia em classe os primeiros poemas que amarguraram para sempre meu cérebro. Lembro-me com a mesma gratidão do professor de literatura na escola secundária, um homem modesto e prudente que nos conduzia no labirinto dos bons livros sem interpretações rebuscadas. Este método permitia a seus alunos participarem mais livremente e pessoalmente do prodígio da poesia. Para dizer tudo, um curso de literatura não deveria ser pouco mais que um bom guia de leituras. Qualquer outra pretensão não serve para nada senão aterroizar as crianças, creio eu, aqui, na habilidade.

Copyright 1981 G. Garcia Marquez — ACI.